

Sexualidade e afetividade na EFA-Puris, MG: o controle dos pais e a religiosidade das famílias

Sexuality and affectivity in EFA-Purism, MG: parental control and religious families

Jairo Barduni Filho*

France Maria Contijo Coelho**

* Doutorando em Educação – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF/MG). E-mail: rfbarduni@yahoo.com.br

** Professora Associada do Departamento de Extensão Rural – Universidade Federal de Viçosa (UFV/MG). E-mail: fmcoelho@ufv.br

Resumo

A presente pesquisa qualitativa foi realizada em uma Escola Família Agrícola (EFA-PURIS) localizada na Zona da Mata/Minas Gerais no ano de 2011, quando foram problematizados os temas afetividade e sexualidade e realizados levantamentos de dados junto aos pais dos educandos da EFA. O objetivo geral do trabalho foi identificar os significados de tais temas junto a esses atores. O trabalho partiu da premissa de que, os pais possuem uma preocupação com os contatos entre os estudantes, encarando inclusive um possível relacionamento como ameaça para o objetivo traçado para os estudantes, no caso a formação escolar. Para coleta de dados foram realizadas entrevistas e registros de depoimentos.

Palavras-chave

Sexualidade. Afetividade. Família.

Abstract

This study was conducted on a Family Farm School (EFA-puris) located in the Zona da Mata/Minas Gerais in 2011, when the issues were problematized affectivity and sexuality, and survey data conducted with parents of students os EFA. The overall objective of this study was to identify the meanings of these themes among these actors. The work started from the premise that parents have a concern with regard to contacts between students, even facing a possible relationship as a threat to the objective set for students, for college tuition. For data collection, interviews were conducted and records of interviews.

Key words

Sexuality. Affectivity. Families.

Introdução

Esta pesquisa de caráter qualitativo ocorreu no ano de 2011 e pretendeu problematizar temas que normalmente não são comuns de serem discutidos no cotidiano escolar, principalmente, nas escolas rurais e em escolas do tipo Escolas Família Agrícolas (EFAs). Contudo, nessas escolas, as questões ligadas ao desenvolvimento e educação das afetividades e sexualidades são grandes desafios para a gestão pedagógica e a orientação de monitores(as), isto porque os educandos passam quinze dias em período de internato em alojamentos masculinos e feminino, o que proporciona uma intensa convivência de contatos e afetos, tais “contatos excessivos” acabam sendo alvo de vigilância pelos gestores e monitores da Escola. Assim, neste artigo, buscou-se analisar o ponto de vista dos pais a respeito dos tidos “contatos excessivos” que permeiam a vida dos educandos nos espaços da EFA-Puris. Tais “contatos excessivos” foram observados e registrados durante uma semana para, em seguida, relacionar com a análise das entrevistas feitas com os pais.

Contexto da pesquisa: a Pedagogia da Alternância e a EFA-Puris

A verdadeira Escola é a escola da Vida, porque é a vida quem faz a Escola! (CAEKELBERGH, 2010, p. 15)

A gênese das EFA e da Pedagogia da Alternância é relatada por vários autores, dentre eles, Garcia-Marirrodriaga e Calvó (2010). O surgimento desse tipo de escola

deu-se na França, mais precisamente com as *Maisons Familiales Rurales* (MFRs), que se concretizaram em 1937, depois de dois anos de um “período de provas”, que quer dizer, de obstáculos enfrentados como verdadeiras provações na aldeia de Sérignac-Péboudou. O movimento que deu origem a tal Escola surgiu da união de um sacerdote rural, uma associação agrícola e de uma organização de pais. Estes estavam ligados ao movimento sindical da época. Assim, os CEFFAS (Centros Educativos Familiares de Formação Rural) tiveram início e se espalharam mundo afora.

A epígrafe acima vem ao encontro do que é considerado como a verdadeira função da escola: a de unir a teoria e prática em busca de servir e possibilitar a melhoria na vida dos educandos, pois é potencializando o estudante que ele obterá meios para enfrentar as adversidades que a vida impõe a todo instante. A escola da vida é a escola onde o educando tenha voz, e que possua como objetivo mais que uma titulação, ou seja, um crescimento pessoal e amadurecimento de si. Tal amadurecimento não se dá de forma individual, mas sim na construção relacional com o outro, na afetividade em laços de amizade, solidariedade, e mesmo nos conflitos para amadurecimento do educando.

No Brasil, o modelo de EFA começou no estado do Espírito Santo, em 1969, e se espalhou pelo país. A pedagogia da alternância se baseia no método ação – reflexão – ação. Assim, o primeiro ambiente da educação é o familiar, a realidade onde o educando vive, na expectativa de que o educando compartilhe seus saberes nas

EFA e com as famílias e grupos sociais que o constroem.

A Escola Família Agrícola-Puris, de Araponga, surgiu em 2008 da ação e da pressão de um grupo de agricultores organizados a partir do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e que iniciavam um movimento de luta para conquista de terras em conjunto. De acordo com a secretária administrativa da Escola, Maria Rosânia Lopes Duarte, a EFA surgiu da expectativa dos pais por quererem uma escola que auxiliasse os jovens a construir uma ideia melhor sobre o que é viver do campo ou a de que é possível uma vida boa no campo.

Percebe-se que a proposta da Pedagogia da Alternância é uma proposta que vem ao encontro dos anseios das famílias rurais da região contemplada pela Escola, porém, como é uma Escola que recebe tanto moças como rapazes, a preocupação se torna latente entre direção e monitores que acabam se tornando mais que monitores que ministram aulas, e passam a também exercer o papel de vigilantes, sobretudo os monitores internos que permanecem na Escola pelos quinze dias de período-escola, como é chamado o tempo de internato.

As produções de subjetividades

Na EFA assim como em uma Escola urbana, percebem-se práticas que acabam modelando corpos, pensamentos, e formas de agir, que são o que Guattari (1992) chamou de *produções de subjetividade*. É importante frisar que este conceito para Guattari não se restringe a uma subjetividade pessoal, mas sim a uma gama de

possibilidades políticas, estéticas, morais, e lingüísticas, que estão em constante circulação de intensidades no cotidiano.

Guattari e Rolnik (2005) reforçam tal posição, na medida em que apontam para as produções de subjetividades circundantes, tanto as hegemônicas, quanto as de caráter marginal. Ambas as formas de subjetividades estão no âmbito da fabricação sendo produto e produção, convivendo num jogo de intensidades locais e capilaridades pelos espaços, as quais, em uma Escola localizada no meio rural, se tornam várias. As expressões de subjetividade marginais no contexto rural da EFA com jovens vivenciando quinzenalmente em sistema de internato ainda se tornam mais latentes, e por consequência, se tornam alvos de vigilância pelas subjetividades hegemônicas presentes nas figuras de: monitores, gestores e até mesmo por educandos que estão também num jogo de produções subjetivas, e estes últimos também passam a ser vigilantes dos colegas. Ou seja, a subjetividade não pode ser pensada apenas como uma incorporação do que há de exterior nas relações cotidianas.

Um aspecto importante da observação participante feita na EFA foi a respeito de tentar identificar como se davam os encontros de subjetividades masculinas naqueles espaços, tanto os espaços de vigilância pelos monitores, quanto os espaços oficiosos, que poderíamos denominá-los assim, ou seja, espaços de encontros entre os educandos como: cantos escuros, banheiros masculinos, e os próprios alojamentos em que se percebe a latência das subjetividades emergindo, e produzindo

agenciamentos prazerosos, como troca de contatos físicos e experiências expressas em conselhos, e brincadeiras entre os meninos nas quais a inocência e a maledicência se unem em busca de afetos, da busca por tirar “casquinhas” do outro.

A observação das brincadeiras foi vista como uma marca cultural expressiva de um tipo de masculinidade e afetividade. As ‘lutinhas’ evidenciaram condutas afetuosas e não homens “embrutecidos”. Contudo, indagando sobre essas lutinhas, junto a um ex-aluno, ele fez questão de frisar que “aqui não tem nenhum gay, isso que você está vendo aqui é comum. Os meninos são assim mesmo”. As demonstrações se assemelham a um querer de afetividade que não pode ser transposta de forma explícita por não ser aspecto da dita “natureza masculina”.

Ainda em relação ao campo das masculinidades, observou-se que a intimidade masculina é um traço presente no momento do banho, pois o vestiário onde os garotos tomam banho não possui cortina, como o das garotas. Em conversa com a coordenação, monitores e mesmo com os garotos, parece que anteriormente havia uma cortina, porém, como alguns garotos começaram a danificá-la, os próprios garotos a retiraram. Assim é comum um aluno tomando banho e, ao mesmo tempo, conversando com mais dois ou três que ficam do lado de fora esperando. Porém, como se observou, em vários momentos ocorre uma “invasão” de uns no mesmo espaço de banho que esteja ocupado, tornando o banho, assim, coletivo. Tal fato traz o clima da “zuação” para o momento

do banho e, pelo que se observou, faz parte de uma espécie de mais um espaço masculino de conversas e descontração entre “camaradas”, cuja tônica alterna-se tanto entre “papos” eróticos, quanto sobre o cotidiano deles dentro ou fora da EFA.

Os espaços na EFA são vários, em se tratando de uma Escola rural, há locais diversos para agenciamentos. Porém tais práticas de subjetividade marginais são sempre alvo de vigilância pelas subjetividades hegemônicas ali presentes nas figuras dos monitores, gestores e até mesmo por educandos mais modelados que também passam a ser vigilantes dos colegas. Ou seja, a subjetividade não pode ser pensada apenas como uma incorporação do que há de exterior nas relações cotidianas. Nesse sentido, segundo Guattari e Rolnik (2005, p. 43):

Não existe uma subjetividade do tipo “recipiente” onde se colocariam “coisas” essencialmente exteriores, que seriam “interiorizadas”. As tais “coisas” são elementos que intervêm na própria sintagmática da subjetivação inconsciente. São exemplos de “coisas” desse tipo: um certo jeito de utilizar a linguagem, de se articular ao modo de semiotização coletiva (sobretudo da mídia); uma relação com o universo das tomadas elétricas, nas quais se pode ser eletrocutado; uma relação com o universo de circulação na cidade. Todos esses são elementos constitutivos da subjetividade.

Assim, percebe-se também que as diferentes subjetividades que teimam em permanecer existentes, inclusive

enfrentando e resistindo a vigilância iluminada dos espaços noturnos da Escola, coadunam com a noção de produção que foge a uma noção restrita de poder como bem apontou Foucault (1979, p. 8):

Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir.

Disciplina e responsabilidade: a fala dos pais

Aqui são analisadas as entrevistas realizadas com os pais dos educandos. Nesses diálogos, ficam mais claros os sentidos atribuídos aos temas em questão como desafios de controle a respeito da afetividade e sexualidade dos filhos(as).

Foram registrados depoimentos de pais ou responsáveis pelos alunos, acerca dos temas afetividade e sexualidade. De um total de 51 famílias, 19 foram visitadas. Por meio um pequeno roteiro de questões (anexo IV) buscou-se indagar quais seriam as concepções dos pais acerca dos temas namoro, disciplina e liberdade.

Nos discursos dos pais, assim coletados, ficaram evidentes os valores que eles têm a pretensão de marcar na formação dos filhos e o tipo de relacionamento ou interação que eles têm com eles. Durante as entrevistas, foi possível notar em alguns diálogos, nos quais os filhos faziam questão de evidenciar caracterizadas as relações deles com os pais em casa. Mesmo que para alguns filhos essa influência fosse considerada pouca ou muita, ficou

clara a presença dos pais na formação dos valores nos filhos. Os diálogos permitiram observar forte ligação entre os termos educação, disciplina e responsabilidade, como também havíamos notado na análise das Regras de Convivência.

As primeiras questões do roteiro foram “O filho(a) já namora?”, Se sim, “o que o(a) senhor(a) acha do namoro dele(a)?”. Assim, 47,36 % dos pais confirmaram saber do namoro dos filhos. Contudo falas do tipo “que eu saiba não” (pai), chamaram atenção e revelam certa consciência de que, nesse assunto, é comum haver desinformação por parte dos pais ou até transgressões. De maneira geral, notou-se que esses namoros provocam certo “incômodo” entre os pais, tanto entre os que afirmaram com segurança o namoro dos filhos, quanto entre os pais que negaram os namoros. Todos sabiam, contudo, que seus filhos estavam numa fase “natural” de começar seus namoros, mesmo quando os pais manifestavam certo desconforto em falar do assunto. Com certeza, trata-se de algo sobre o qual o controle é difícil.

Em suas falas, aspectos de gênero também ficaram evidentes. Tudo indica que, para o grupo haveria certa “natureza” mais dócil entre as meninas, além do que elas seriam mais “responsáveis”. Para os garotos é atribuída uma natureza mais indomável/viril em razão de eles serem considerados mais “irresponsáveis”. Essa dicotomia de gênero entendida como marca de natureza, associa menina a um tipo diferente de racionalidade, pois elas seriam mais “cabeças” que os meninos, como se pode ler nos depoimentos que seguem:

- Pra te ser sincero as meninas são bem cabeças e não namoram! (Mãe)
- O único que me deu dor de cabeça foi o menino. (Mãe)

Se para os meninos o “ficar ciscando” é o mais comum, para as garotas “ficar ciscando” é uma postura rejeitada pela família. Tanto assim que, num dos depoimentos, foi manifestado um “Graças a Deus” quando as chamadas garotas “fáceis” se afastaram de um determinado jovem, pois esse tipo “garota fácil” não “prestava para namorar”.

- Ele fica lá “ciscando”, mas namorada firme não tem não. (Avó)
- Ah! sempre ele tá namorando. As meninas não dão sossego, graças a Deus, ele largou uma menina que não largava do pé dele, agora ele fica com uma ou outra. (Tia)

Tudo indica que os pais preocupam-se com os namoros em suas consequências, pois eles trazem limitações para a continuidade dos estudos na condição social que caracteriza essas famílias:

- Tem de terminar o estudo para namorar. (Avó)
- Estudo e namoro nem para moço nem para moça dão certo. (Avó)
- Eu infelizmente, de namorar eu não acho ruim. Primeiro tem de estudar e depois namorar. Porque atrapalha os estudos mesmo. Não tenho nada contra, mas tem de ter tempo. (Mãe)
- Porque ela tá estudando, ela é nova tem quatorze anos, ela está tendo muita oportunidade que a gente não teve. Eu falo de vez em quando: estudar primeiro e depois pensar em namoro.

Nesse último depoimento, é interessante a observação de que os jovens

estariam tendo oportunidades que os pais não tiveram. Ou seja, pode ser que o acesso a uma escola, nos moldes da EFA, coloca os pais diante de situações nas quais eles nunca viveram, o que poderia explicar, em certo sentido, o desconforto ou a insegurança na orientação das condutas dos filhos e a forma como as regras de convivência foram estruturadas. Além disso, pode ser que seus discursos, nos filhos, venham a cair no vazio por não corresponderem às vivências escolares. A intimidade da escola, provavelmente, é desconhecida dos pais, pois, mais que a escola seja ou pretenda ser transparente, a não vivência escolar anterior dos pais os coloca na condição de expectadores externos, estranhos.

A EFA colocou novas condutas e novos espaços de interação, tanto para os pais quanto para os filhos, e é comum o estranhamento, principalmente em se tratando de uma escola não convencional como se propõe ser uma EFA. Mesmo que os pais demonstrem interesse no acompanhamento do funcionamento da Escola, alguns pais se veem limitados nesta participação, em razão da não vivência ou formação escolar, da distância de sua moradia e, como marca cultural já quase “naturalizada”, a pouca comunicação entre pais e filhos em casa. Por isso, tudo indica que o que lhes resta é depositar nos agentes da Escola a confiança na boa condução da educação dos filhos que deve acontecer na Escola.

- Tudo de mais já vai gerar alguma coisa, se os monitores observam

algo a mais irão nos contar, então neste sentido fica a cargo dos funcionários. É claro abraço e beijo não tem problema. [...] Na brincadeira e cumprimento! (Pai)

– Eu acho que não é certo não, de namorar dentro da escola. (Mãe)

– [...] é igual ao caso dela, aconteceu na escola, eu achei certo... eles avisaram. Nós conversamos bastante e ela refletiu de não continuar a namorar. Ela tinha quebrado a regra e nós compareceu lá na escola. É igual lá, **tá sendo bom**. Se fosse na escola daqui (perto da casa da família), que não tem regra, no próprio ônibus [leva os estudantes para a escola] e mesmo que tivesse regras, eles não iriam cumprir.

– Um dos primeiros passos, a partir do momento que ver, ou desconfiar, é chamar os jovens para conversar e resolver. Caso não resolva é conversar com os pais de ambos os lados. Uma vez que na assembleia já foi acordado, então para uma escola que tá começando e busca uma formação diferente, não pode correr o risco que ocorra algo mais grave. Como a própria escola diz: é família agrícola, você tem liberdade até certo ponto, para que tenha o diálogo. Esse é o acordo para que você tenha essa formação para a vida né! (Pai e tio)

Assim, mais que conteúdo dos currículos programáticos, esta é uma escola da vida que permite vivências políticas de como acordar regras e efetivá-las. Um exemplo disciplinar, ligado à questão do namoro e da liberdade, pode ser citado como emblemático e que já foi citado em

depoimento de monitores. Um dos estudantes veio transferido de outra EFA em razão de um relacionamento com uma jovem nas dependências da escola.

– Você sabe da história que aconteceu com ele, não sabe? [...] ele teve problema na outra Efa que ele estudou, justamente por causa de namoro. [...] por isso ele foi para Araponga. Na época ele sabia da norma da escola. Ele extrapolou e estávamos de acordo com a escola. Numa escola com internato tem de ter regras e disciplina. Ele fez o oitavo ano em Sem Peixe e depois foi para Acaiaca e só depois para Araponga. [...] Ela [a moça] era de família pobre e tinha vários problemas na família. Daí sabe como é que é, primeiro rapaz inocente... **Prate ser sincero, eu acho isso um beco sem saída**. O papel é coordenar e não fazer aquilo sério [expulsar o aluno] porque, como é que eu falo... Não há respeito. Então, eu acho que tem de chamar os pais, porque no caso do FULANO, a escola estava certa. **Tem de achar argumentos para mostrar para os dois que não é a hora**. (Mãe; grifo nosso)

Por isso, na pesquisa, quando se indagou “O que a senhor(a) acha do namoro deles?” foi possível perceber grande preocupação em relação aos filhos(as). É ideia geral que o namoro tem “seu tempo certo” e que o ideal é encontrar um parceiro responsável.

– Eu acho de acordo, o rapaz é bom e responsável. (Mãe)

– Ah! A gente acha hoje meio escandaloso, não é dos pior, mas o namoro

de hoje... Eu, assim, com a minha... Eu não gostaria que fosse de qualquer maneira. Mas... os mais novos não pensam assim. (Avó)

– Se tiver namorando na boa? (Pai)

– A gente não apoia escândalo de moça nem rapaz! Mas... Hoje tá difícil né? Muita liberdade. (Mãe)

Muitos pais, contudo, postaram-se claramente contra namorar e estudar, ao mesmo tempo, tendo em vista que o estudo para eles se torna fundamental como projeto de vida para seus filhos (as). As transgressões são confirmadas e condenadas:

– Os alunos estão indo para lá não é para namorar! Se for para namorar tem de ser na minha presença e consentimento. Já é muita responsabilidade monitorar o aprendizado deles lá, eu não quero que monitor fique monitorando namoro da minha filha lá! (Mãe)

De maneira geral, mesmo podendo observar maior ou menor abertura dos pais para com os namoros dos filhos, todos concordam que os sancionamentos aos comportamentos afetivos são uma garantia de futuro para seus filhos(as). Aos monitores é também atribuída muita responsabilidade, e deles os pais esperam ações enérgicas na formação de seus filhos, principalmente porque eles ficam longe de casa.

– Vocês sendo professores deveriam corrigir, nem que seja tirando uma hora para isso. Vocês mesmo têm de conversar com eles, eles conversarem tem nada a ver, mas com falta de respeito não! (Mãe)

– Eu acho que os monitores tem de agir certo, e agir na hora certa!

– Eu acho que quanto mais bravo o monitor é melhor mesmo. E eu até apoio o corol! (Mãe)

A preocupação diferencial entre filhos e filhas traz as marcas de gênero nessas relações familiares e escolares. As filhas são, contudo, mais visadas por acreditarem que a condição de mulher merece e requer maior cuidado por parte dos pais. De certa forma, explicam no momento da discussão sobre sexualidade feita na Escola com o pessoal da Medicina. Ou seja, os pais têm medo dessa mistura, e a Escola também. Essa concepção tradicional entre as famílias foi vista também por Nolasco (1993) em sua pesquisa. O recato das filhas é um divisor de águas e uma forma estruturante da dinâmica social que se vê reproduzida nas famílias, o que coloca desafios (limites) à educação transformadora que se pretende na Escola. Entre manter a tradição e promover mudanças, as famílias sinalizam a necessidade de segurança e controle das consequências:

– O que a gente sempre fala, não é preocupar com o filho, mais com a filha o “ouro da vista da gente”. A gente, como homem, tem esse pensamento machista, não é fulano [monitor] você tem a Fulaninha [filha] lá, que já é uma mocinha. Você sabe como é que é. A gente sempre fala de ter de respeitar a filha dos outros. (Pai)

– Se acontecer alguma coisa, não vai ser por falta de diálogo. (Mãe)

Nessas formas de narrativa, ficaram claros os desejos dos pais de que a EFA

reforçasse as regras, mesmo sabendo da complexidade que existe em lidar com temas tão delicados

– Eu acho que “nem tanto o céu, nem tanto o inferno”, nos tempos de hoje falar um menino chegou lá e ambos se gostaram, a escola deveria ficar mais atenta no sentido que aqui é proibido de falar que não rola, **se podar de uma vez é pior fica, se falar que pode liberar complica também.**

– Regra tem que ter, até aqui pode ir, tem um “teto”, uma regra valendo! (Pai, setembro de 2011)

– Por mais que eles conversem, tem de conversar mais um pouquinho, o namoro não é só beijar. (Mãe)

– “Eu acho que a escola tem de ter um “**jogo de cintura**”, tem de ter um carinho no trabalho com os alunos, tem de ocupar eles mesmos.” (Pai)

Entretanto os pais consideram que alguns seriam positivos no processo pedagógico. Outros, contudo, são considerados “excesso”. Essa classificação corresponde aos objetivos de ensino presentes na EFA. O “normal” e o “não normal”, aparecem nas falas dos pais ligados às expressões responsabilidade, respeito e liberdade.

– Já é próprio do grupo acontecer a ligação uns aos outros, porque o ambiente escolar é local onde se faz amigos. (Pai)

– Dentro do limite do normal, eu acho normal, tudo que não atrapalhe a vida do outro é normal para mim. (Mãe)

– Qualquer ato que **infrinja maior responsabilidade** seria impróprio para eles, pois, eles não estão prontos para esta responsabilidade. (Mãe)

– Eu vejo que a escola tem como trabalhar sobre o assunto, sobre o namoro, disciplina, liberdade muito bem! (Mãe)

– O pior é que nesta fase eles estão muito com esta questão que **comigo não acontece.** (Pai)

A preocupação com a gravidez precoce inesperada ou indesejada, entendida como prejudicial para os estudos pretendidos pela família para seus filhos(as), implicou uma atribuição de imensa responsabilidade para gestores e monitores na EFA. A credibilidade da Escola pode ser colocada em cheque, pois o espaço de formação da EFA extrapola sua área geográfico-pedagógica:

– É uma “**faca de dois gumes**”

– Às vezes lá dentro da escola não acontece nada, mas fora sim!

– O fator extremo é engravidar, mais como vai saber que não rolou dentro ou fora da escola?

– Este é meu “teto”, pois, aí a escola **cai no desmando, perde o respeito.** (Pai)

Também apareceu nos depoimentos dos pais uma preocupação em relação ao excesso de brincadeiras de mau gosto.

– O que pode haver é brincadeira saudável e entrosamento, divertimento mas com respeito e responsabilidade. O que não deve haver é namoro uma vez que se abre exceção diante dos “garra, agarra”. Acho que devemos evitar que aconteça para , no futuro, nenhuma família do jovem possa atrapalhar o futuro: Brincadeiras que deva evitar são aquelas que causam **danos morais e físicos**, que pode

machucar, aleijar. Acho que não deve haver. Alguns trotes são saudáveis para o entrosamento, eu mesmo brinco, isso devia ser levado em conta para a confiança entre eles. (Pai)

Nas entrevistas com os pais, apenas uma vez houve fala explícita em relação a sexo na escola, e veio de uma tia que deixou claro até que ponto é compreensivo para ela os contatos:

- Sexo de jeito nenhum! Lá dentro da escola não, é falta de respeito.
- Eles podem bater papo, dar uns beijinhos, mas essa outra coisa, de jeito nenhum. (Tia)

No roteiro das entrevistas, estava previsto indagar aos pais se eles conversavam com os seus filhos(as) por meio da seguinte pergunta: Sobre este assunto, que orientação o senhor(a) dá em casa e qual a senhor(a) gostaria de ver acontecer na escola? Contudo as respostas foram em outro sentido. Muitos reafirmaram a confiança entre pais e escola, a participação dos pais na construção das regras da escola tornou-se uma espécie de aval discursivo para que estes encaminhem seus filhos(as) para estudar na EFA.

- Longe de casa as coisas complicam. Aí a gente já orienta, já sabe o sistema, que se fosse liberal a escola aceitar namoro, **eu não iria aceitar**. A gente confia, precisa de ordem, porque é bom, se fosse de qualquer namoro como é que ficava né? (Mãe)

Ainda em relação às respostas a essa pergunta, percebeu-se ênfase nos termos respeito e responsabilidade.

- Orientação que eu tenho dado com minha esposa, é que dentro de sala de aula e fora aprendam respeitar as pessoas. (Pai)

- Sejam sinceras e saibam brincar. Se errou, que tenha a humildade de assumir. Acho que a Efa tem cumprido este papel. No momento de punir, acho que tenho que punir, acho que às vezes **falta profissional para esta demanda** e na medida do possível temos tentado dar conta dessa demanda. (Pai)

A mídia (TV) também foi lembrada como fonte de informação sobre sexualidade, o que para eles, exige cuidado. Nas respostas, a fatalidade de informações midiáticas, implícitas ou explícitas, torna o “conversar abertamente” com os jovens sobre sexualidade uma necessidade.

- Aqui eu converso abertamente todos os assuntos. Elas têm liberdade de conversar e perguntar. Eu acho que sou aberta. Lá na Efa eu acho que devia conversar, com certeza, Porque eu acho que tem de ter limite no namoro, tem de conversar abertamente. **E a TV hoje mostra tudo né?** (Mãe)

Na finalização das entrevistas, procurou-se saber que efeito os pais percebiam em relação à pedagogia da alternância. Estaria, de fato, esta proposta pedagógica sendo um diferencial na vida dessas famílias. Para tanto, foi posta a seguinte pergunta: O que a senhora espera da EFA hoje e como a senhora avalia a atuação dos monitores e coordenação da escola?

Na maioria das respostas, foi possível perceber forte conexão entre os valores dos pais e a proposta política pedagógica

da escola. A grande maioria concorda com as regras que preservam seus filhos(as) de brincadeiras de mau gosto e de relacionamentos dentro da escola.

– Eu espero que aconteça uma boa disciplina ... (eu esqueci o que eu ia dizer?)... Eu acho que ela é um lugar bom! Eu espero uma boa formação do Wallace lá! (Mãe)

– Olha,... Até agora eu não tenho o que reclamar. (Pai)

– Eu acho que a escola tem de ter um jogo de cintura, tem de ter um carinho no trabalho com os alunos, tem de ocupar eles mesmos.

– A Efa de vocês, [dirigindo-se aos monitores] tem gente que não é fácil, **então temos de “tirar o chapéu” para vocês, “é algo de dá no vento”**. Olha teve um menino que morou aqui conosco e era seminarista, ele me falou que roubava frango no seminário e preparava para comer no dia seguinte.

– Então, se acontece isso dentro de um seminário? (monitor)

– Limite é algo que tem de ter mesmo. (Pai)

A comparação entre a EFA-Puris perante outra EFA.

– Eu achei [a Efa] **um pouco mais liberal** do que a de Acaiaca.

– Eu percebi que na escola de Acaiaca, ele começou a ser mais rebelde, e quando ele se foi para Araponga, ele pegou mais responsabilidade, que a escola colocou para ele isso. ele sofreu muito em Acaiaca para Araponga, e tudo isso, até pelo fato que ele era muito fechado. Ele foi obrigado a falar e a andar sozinho.

Na primeira vez nós o levamos lá, e na volta ele voltou sozinho, e com certeza ele amadureceu isso para ele e foi bom. (Mãe)

A transcrição acima aponta e reforça o que foi dito por uma funcionária da Secretaria de Educação-MG em visita rotineira à escola no mês de abril. A EFA de Araponga era a EFA mais bem estruturada em todos os sentidos sem comparação às outras EFAs da região. Segundo a secretária, o que destoa Puris das demais são os aspectos de estrutura física, quantidade de educandos matriculados e sua organização pedagógica. Esses documentários indicariam “dificuldades” diversas pelas quais outras EFAs que compõem a área abrangida pela Delegação de Ensino de Ponte Nova, a qual para esta funcionária está lotada.

Oração da EFA Puris – Araponga, MG

*Obrigado Senhor,
pela terra onde produzimos
nossos alimentos.
Queremos alcançar a sustentabilidade
praticando a agroecologia.
Juntos, com união e força de vontade,
alcançaremos nossos objetivos.
Queremos agradecer e pedir a benção
para todas as mãos que produziram
o alimento aqui presente que
sacia nossa fome.
Que nunca nos falte o alimento,
nem a nossos irmãos.
Amém.*

A oração, segundo Maria Rosânia, secretária administrativa da escola, foi composta com a intenção de não enfatizar nenhuma crença religiosa, até porque na EFA “há a congregação de várias crenças religiosas”. Tal composição pretendeu não dar nenhum privilégio a qualquer crença pessoal de qualquer estudante. Como ela destaca, o foco foi no trabalho com a terra e no manejo sustentável e agroecológico, o que são considerados princípios de coesão e orientação filosofia daquela EFA-Puris.

Na escola também não há símbolos religiosos em paredes ou em qualquer outro espaço físico, o que diferencia das observações feitas nas casas das famílias visitadas, onde se podem perceber vários objetos religiosos expostos, tanto em paredes, nos cômodos das casas ou adornando estantes e mesas. A maioria dos objetos religiosos indicava que a maioria dos estudantes tem famílias católicas. Mas alguns jovens são de famílias ligadas a Igreja como a Evangélica.

Em uma das visitas às famílias, uma avó fez questão de mostrar uma capela que ficava a poucos metros de sua casa. Ela disse rezar todos os finais de semana, e que sua neta (educanda da EFA) rezava com ela nesses dias. Manifestou sua crença na seguinte expressão: “*Menino! Sem Deus nós num são nada não*” (Avó).

Ficou nítido também o compromisso de alguns educandos (e seus pais) moradores do centro do município de Araponga com a missa para as crianças, que ocorre sempre aos sábados, à tarde, na Igreja central do município. Tudo indica que é ao redor dela que também os habitantes

da cidade se encontram. Na praça central é onde também acontece o reencontro com amigos e parentes ocorrendo nesse momento o descanso com as compras feitas no centro na espera do transporte que vai levá-los(as) até sua comunidade rural. Nesse tempo (ônibus, carro de um conhecido ou moto), é momento de interação, de troca de informações (fofocas) e de criação de laços importantes na vida social dessas famílias. Em meio a esses encontros é que as práticas religiosas assumem a importância como marca de valor cultural para as famílias.

Sobre a religiosidade no meio rural, Scott (2007) fala sobre a importância na congregação do local através do símbolo da igreja. Segundo o autor: “[...] a igreja situada num contexto local não é a Igreja (com I maiúsculo), e sim uma adequação dela ao conjunto de atores e eventos históricos que operam no cotidiano dos grupos sociais locais que a compõem” (SCOTT, 2007, p. 15).

Ainda segundo o autor, a religião e a sexualidade entram fortemente no esquema de morais socioculturais contextualizadas. Por isso, é necessário compreender a história e as estruturas de poder de um determinado local para se ter a noção mais clara dessa relação entre sexualidade e religião. Como este não foi o foco do presente artigo, não houve a intenção de se aprofundar na análise das redes sociais de trocas, sexualidades e afetividades, vinculadas às crenças religiosas das comunidades rurais de Araponga. Contudo, apenas como apontamento acerca do contexto municipal da EFA, achou-se por bem registrar essas

observações, pois tornou-se evidente que os encontros sociais religiosos cumprem papel importante no delineamento dos espaços e das formas de controle social das condutas afetivas e até sexuais no municípios.

Conclusão

Os significados atribuídos aos temas afetividade e sexualidade para pais remetem à preocupação com uma gravidez inesperada, principalmente em relação às filhas(os), que acabam se afastando da escola caso isso aconteça. O chamado “namoro”, expressão sob a qual Escola e pais permitem-se discutir os temas sexualidade e afetividade, tem de ter limites. O tempo para estudar é considerado diferente do tempo para namorar. A prioridade dos pais é para os estudos, e acreditam que as duas coisas (namoro e estudo) não combinam.

Eles também se preocupam com o que chamam de “contatos exagerados” que os educandos podem ter entre si dentro da escola. As brincadeiras “exageradas” não seriam aprovadas pelos pais. Além disso, também se preocupam com o que chamam de “influências externas” de valores, principalmente a da TV. No tocante a essas diversas preocupações, o que as famílias desejam não se contradiz com a política realizada na Escola, afinal Escola existe como resultado da ação e vontade dos pais.

Merece aqui um destaque as respostas dos pais “que eu saiba, não” para a questão “seu filho(a) namora?”. Essa pru-

dência na resposta pode ser interpretada da seguinte forma: quase todos sabem que essa autoridade não é total e que não há um controle total da vida sexual e afetiva de seus filhos. Isso é motivo de angústia para a maioria dos pais, já que o não é dito e causa angústia para quem exerce a função de controle. Como diria Foucault, a obrigação de falar é uma forma de controle.

Constatou-se durante a pesquisa que os meios de controle que a Escola possui em relação aos “exageros” de contatos estão presentes nas regras de convivência. Esses controles acentuam uma estrutura escolar regida pela pedagogia de alternância. Para pais e direção são necessários tais controles, pois, sem o mínimo de regras claras, o convívio fica comprometido. Segundo eles, a confiança dos pais numa Escola sem tais regras tenderia a desaparecer. A continuidade da confiança dos pais e a consolidação (institucionalização) da Escola estariam fadadas ao fracasso. Caso as regras não fossem cobradas, como bem disse um pai: *“Tem de ter um teto”*, no sentido de que precisa haver um acordo sobre limite, enfim, uma estrutura de ordem. Tais controles mesmo parecendo apenas funcionais, não fogem a um modelo de coibição da ação das subjetividades e reavaliação dos valores. Tradicionalmente cultuados.

As famílias do meio rural ou de pequenas “cidade rurais” acumulam experiências de controle social distintas das famílias de grandes centros urbanos. Contudo, como em qualquer sociedade, as transgressões também acontecem. É possível ler nas manifestações dos pais as

tradições morais e seus valores, que estão diretamente conectados ao modo de vida do campo. Sem tais regras, estaria a EFA colocando em risco, inclusive, a paridade de gênero que a Escola construiu, como uma característica distintiva dentre as demais EFAs da região.

Desta conclusão pode-se dizer que, para melhor compreender a sexualidade e a afetividade em qualquer grupo social, é preciso olhar elementos dos mais diversos que se apresentam no cotidiano dessas famílias.

Referências

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GUATTARI, Félix. *Caosmose*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA. *Plano Político Pedagógico EFA – PURIS*. Araponga, MG, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução e organização Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GARCIA-MARIRRODRIGA, Roberto; CALVÓ, Puig Pedro. *Formação em alternância e desenvolvimento local: o movimento educativo dos CEFFA no mundo*. Belo Horizonte: O Lutador, 2010. (AIDEFA).

NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1993.

SCOTT, Parry; ATHIAS, Renato; QUADROS, Marion Teodósio de. *Saúde, sexualidade e famílias urbanas, rurais e indígenas*. Recife, PE: Ed. Universitária da UFPE, 2007. 190p.

Recebido em julho de 2012

Aprovado para publicação em setembro de 2012